

Título	Anjos Fadas e Sereias: 12 Teses sobre Cibercultura
Autor	Rui Magalhães
Keywords	Cibercultura civilização Internet
Origem	Publicado originalmente em <i>Ciberkiosk</i> . Posteriormente publicado em <i>Santa Barbara Portuguese Studies</i> , volume V, 2001
Referência	http://sweet.ua.pt/~f660/docs/12_teses.pdf

1. O ciberespaço não é uma questão essencialmente técnica nem cultural, mas civilizacional. Neste sentido, o cepticismo tem o mesmo valor epistemológico e psicológico que a adesão triunfante.

O ciberespaço e a cibercultura não podem ser compreendidos em si, mas apenas em correlação com um estado de civilização. No entanto, os utensílios que a história e a sociologia colocam à nossa disposição são insuficientes porque estes saberes têm, seguindo os paradigmas epistemológicos dominantes, recalcado todas as hipóteses de desenvolvimento de uma ciência das civilizações.

A internet não pode ser vista isoladamente, mas em conjunto com alguns dos mais importantes desenvolvimentos tecnológicos do nosso século, nomeadamente, as viagens espaciais, a manipulação genética, a micro-física, as teorias fractais e das catástrofes, a cirurgia plástica, a televisão e, evidentemente, a informática e a cibernética e em sintonia com os efeitos sucessivos da modernidade.

A rede nasce no momento do maior cansaço da civilização e no momento em que a civilização acredita na simultaneidade do seu fim e do seu renascimento. A aceitação entusiástica e o maior cepticismo são atitudes equivalentes enquanto tomam o ciberespaço como uma questão autónoma.

2. O ciberespaço é o lugar onde o discurso político - essa ilusão fundacional do ocidente democrático - perde, definitivamente, o seu aparente valor, no exacto momento em que a liberdade formal atinge o seu ponto máximo.

O processo de multiplicação infinita da informação, o desaparecimento dos centros, o apagamento progressivo das figuras de poder, dá lugar a uma ilusão de liberdade e de autonomia.

A geografia das redes (supostamente) acentradas radicaliza, de uma forma imparável, os

mecanismos da sociedade liberal desenvolvida, reproduzindo, sem cessar, os princípios, as imagens e os valores dominantes na ausência da menor violência física e sem o mais ténue vestígio de discurso autoritário.

A civilização ocidental - pelo menos do ponto de vista dos valores que se apresentam como operatórios, mas que, obviamente, são muito mais do que isso - sob a forma da simultaneidade do rizoma e das imagens criadoras de real, obteve a sua vitória definitiva

3. O ciberespaço reduz todas as formas de exterioridade.

O ciberespaço não é a abolição das fronteiras nem das muralhas da cidade, mas sim a invisibilização de fronteiras e muralhas, de valores e de poderes. É a extensão técnica do mito da liberdade, da democracia, da individualidade (e do tribalismo) a uma escala e com uma força nunca antes imaginável.

Trata-se, assim, de uma redução da exterioridade. De agora em diante, todos os conflitos são, simultaneamente, interiores à civilização e inócuos em relação aos fundamentos desta.

Uma cultura sem exterioridade é uma cultura condenada. Todas as guerras são, agora, guerra de guerrilha ou actos terroristas, isto é, focos internos de destruição e substituições estratégicas da exterioridade.

4. O Ciberespaço significa a morte dos objectos reais.

Os objectos são substituídos por representações de representações. O objecto material é a representação de uma representação e esta de uma outra, num processo infinito.

A comunicação e a produção contêm em si mesmas o seu objecto e os seus objectivos. Diante de nós temos, cada vez menos objectos concretos e mais metáforas mortas, tornadas reais pelo poder invisível, o mesmo é dizer, pela razão absolutamente racional.

Neste quadro, o objectivo das instituições é exclusivamente a sua própria sobrevivência. Como sempre, aliás, com a diferença de que, não existindo exterioridade, o indivíduo - se é que ainda se pode usar uma tal expressão - em definitivo, não tem alternativas. As instituições são macro-objectos virtuais que asseguram a consistência e o sentido aparentemente real dos objectos. Todo o objecto se torna institucional.

5. A comunicação universal é a repetição infinita.

No ciberespaço todos podem comunicar com todos. Mas não existe já verdadeiramente objecto

de comunicação. Porque não há exterioridade e porque o indivíduo só existe enquanto inserido em projectos que asseguram a reprodução das instituições.

A vida concreta desenrola-se no interior de uma rede de metáforas que só remetem para outras metáforas.

6. A rede abole a infinita distância do infinito.

Anjos fadas e sereias não são metáforas, evidentemente; são formas de ligação do humano aos espaços dos outros elementos e aos seres que os habitam. São mecanismos de comunicação com o infinito.

Anjos fadas e sereias permitem, assim, articular o humano com as naturezas míticas desses elementos: a extensão infinita dos céus, o mistério infinito da terra e a profundidade infinita dos oceanos. O que é comum é, evidentemente, o infinito. Mas um infinito que possui valores distintos e desencadeia em relação a ele, imagens e comportamentos distintos.

O infinito é, por definição e por condição mítica, o inalcançável. A ele opõe-se o mundo terreno e os seres sem asas, sem barbatanas nem varinhas mágicas, condições de possibilidade para se viver nesses infinitos. Nesses mundos infinitos eram projectadas as auto imagens deficitárias do homem.

A posição do homem perante tais seres é, naturalmente, ambivalente. O homem buscou sempre uma ligação ansiosa com esses outros elementos infinitos, uma ansiedade em que se fundiam a atracção e o medo. Anjos fadas e sereias são materializações mediadoras desse desejo. Através desse desejo, os objectos materiais adquiram realidade para além do ideológico transcendental que os constitui.

O que caracteriza a cibercultura é a indistinguibilidade entre anjos fadas e sereias e imagens quotidianas.

O espaço virtual sintetiza em si todas essas modificações: é ele, simultaneamente, um espaço alternativo ao espaço da vivência humana e uma extensão desse espaço. Mas a alternativa é ainda uma forma de extensão, ainda que irrepresentável.

Neste sentido, sintetiza todas os anteriores infinitos e multiplica infinitamente as figuras que antes materializavam a possibilidade de comunicação com esses espaços.

A rede está povoada de anjos fadas e sereias; cada indivíduo torna-se anjo, fada e sereia, para os outros e para si mesmo, num espaço que se define a si mesmo como infinito.

7. O desejo torna-se infinitamente diferido.

O desejo, como motor, não necessariamente positivo, da ruptura, torna-se um elemento de actualização da Lei pela abolição do seu objecto e do espaço específico desse objecto. Não há já um terceiro indicador do objecto do desejo (Girard), mas uma Verdade identificada com a natureza última das coisas definida agora não ontologicamente, mas imaginariamente, numa derivação directa e estratégica do Poder.

8. O homem torna-se indiferente ao saber. O saber escorre pela imagem do corpo do homem sem corpo.

O sujeito da vivência virtual é desprovido de corpo.

Os saberes e as ideias deixam de ser elementos organizadores da vida para se tornarem, cada vez mais, geradores de novas ideias, constituindo assim um infinito mundo noológico cuja existência é puramente virtual. O virtual não se aplica, pois, exclusivamente, ao modo de existência na rede, mas é ele a natureza íntima dos próprios saberes e das imagens existenciais propostas ao indivíduo.

A esmagadora maioria dos saberes que integram a cultura actual são puramente virtuais, na medida em que só possuem verdadeira existência enquanto integrados nos quadros "ontológicos" (isto é: imaginários) em que emergem.

O ciberespaço não engendra esta mutação; simplesmente torna cada vez menos possível e mais inútil a tentativa de circundar esse ideal e tocar o limiar da realidade concreta, pela anulação do corpo e das suas emoções.

Neste sentido, o saber não técnico deixa de ser descoberta ou criação e torna-se administração de informação e citação e o saber técnico não é, como pensa Habermas, uma extensão do trabalho, mas da dominação do mundo e do homem enquanto elemento do mundo e enquanto sujeito suposto livre.

O campo noológico torna-se universal e o virtual a única realidade.

9. O ciberespaço promove a igualdade de oportunidades mas apenas em relação aos objectivos estratégicos universais.

Num primeiro momento, o desenvolvimento do ciberespaço acentua o fosso entre países pobres e países ricos. Num segundo momento, começou a tornar possível o acesso à informação por parte dos países pobres, contribuindo, assim, para que estes, apesar das suas deficientes condições

económicas, começassem a aproximar-se dos países ricos em termos de informação e de possibilidades de comunicação.

Mas esta extensão é profundamente ambígua: seria preciso perguntar, primeiro, se a maior parte da informação que circula na rede interessa, de facto, aos países periféricos, se ao parecer colocá-los em condições de igualdade com os centros não está a produzir uma imensa ilusão que assenta na ideia de que a informação é o elemento chave do desenvolvimento e que possui um valor em si; por outro lado, lembremo-nos de que se o império Romano foi possível, foi-o essencialmente devido às vias de comunicação que criou. É óbvio que essas vias de comunicação não tinham o objectivo de facilitar a vida aos povos conquistados.

O que importa sublinhar é que ao colocar a questão da cibercultura, como aliás a de qualquer forma cultural, não estamos simplesmente a reflectir sobre um modo de ligação entre os homens e os seus produtos, mas entre os homens e os homens num quadro de poder e contra o pano de fundo da História. É esta última instância, esta História que acaba por ser proposta como objecto de análise, ou seja, o espaço onde o poder dá origem às formas de realidade e onde estas formas se conjugam, na mente dos indivíduos, sob a forma de imagem do real.

Numa fase inicial (aquela que vivemos), a rede tende a reproduzir os mecanismos que lhe são exteriores, os modos de viver e de trocar informação; algum tempo será ainda necessário para que a rede imponha, verdadeiramente, a sua natureza ao comportamento dos indivíduos. Precisamente, "cibercultura" é ainda uma possibilidade inevitável.

O ciberespaço promove, simultaneamente, a diferença inócua.

10. O sujeito torna-se o modo de actualização do hipertexto virtual. Berkeley vence: sem mim não há ciberespaço. Porque o ciberespaço só existe como actualização contínua. O ciberespaço é um infinito só aparentemente não teleológico.

O ciberespaço é um hipertexto aparentemente caótico. No entanto, esse caos constitui uma ordem invisível orientada teleologicamente. O novo paradigma da vida e da morte, isto é: do início e do fim é constituído pelo tempo necessário a reencontrar o ponto de partida. A vida é a história de uma circum-navegação. A rede é um infinito infinitamente limitado.

A não teleologia é uma teleologia: o fim é o círculo; a rede é uma teia.

11. A inter-actividade é o oposto da actividade.

No ciberespaço, a interactividade ocupa o lugar da acção. O sujeito da acção é a teleologia. O seu objecto é o homem. O ciberespaço radicaliza a racionalidade do espectáculo; nele, o indivíduo torna-se espectador de si mesmo, do seu poder e da sua liberdade.

Os ambientes gráficos enquadram o ciberespaço numa ilusão de mundo configurável pelo indivíduo.

O ciberespaço "existe" no interior de um espaço virtual acentuadamente gráfico e configurável pelo sujeito. O sujeito pode, assim, organizar e ordenar o cosmos à medida do seu gosto pessoal. O nosso planeta não é já a terra mas o Windows (ou o Linux, ou ...).

12. O problema fundamental do ciberespaço não é o "lixo" que nele prolifera, mas a indeterminabilidade do sentido de "lixo" na ausência, suposta, de qualquer teleologia e na presença de uma teleologia imperceptível.

O ciberespaço radicaliza o quadro civilizacional que se apresenta como uma ausência de valores pela admissão de todos os valores. Mas esta situação constitui o quadro óptimo de uma imposição pacífica de valores implicitamente identificados com uma naturalidade que por sê-lo não é criticável. Não existe a distância necessária à possibilidade de assunção ou não assunção dos valores. Os valores identificam-se com a situação do homem constituindo uma nova metafísica naturalista.